



Universidades Lusíada

Barroso, João

Identidade, intuição, intenção : uma leitura

<http://hdl.handle.net/11067/6458>

<https://doi.org/10.34628/qw4k-0e29>

Metadados

Data de Publicação

2022

Resumo

Onde é que começa e termina a nossa identidade? Será que a nossa percepção do Eu é mesmo nossa? E isso é sequer importante? É, pois. Nós somos seres sensíveis ao mundo, com um profundo sentido de identidade enraizado nesse mesmo mundo. Sem ele andamos perdidos. Dele nascem os porquês da nossa vida, a nossa missão. A obra da nossa vida gira em torno desta grande questão existencial e será intimamente informada por aquilo com que nos identificamos consciente e inconscientemente. ...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-12-25T20:53:50Z com informação proveniente do Repositório

IDENTIDADE, INTUIÇÃO, INTENÇÃO
UMA LEITURA

João Barroso

DOI: <https://doi.org/10.34628/qw4k-0e29>

Uma leitura crítica do ethos actual sob o pretexto de três ideias chave: a identidade, a intuição e intenção.

Resumo: Onde é que começa e termina a nossa identidade? Será que a nossa percepção do *Eu* é mesmo nossa? E isso é sequer importante? É, pois. Nós somos seres sensíveis ao mundo, com um profundo sentido de identidade enraizado nesse mesmo mundo. Sem ele andamos perdidos. Dele nascem os porquês da nossa vida, a nossa missão. A obra da nossa vida gira em torno desta grande questão existencial e será intimamente informada por aquilo com que nos identificamos consciente e inconscientemente. Mas quem somos realmente? Três I's, uma leitura crítica do ethos actual sob o pretexto de três ideias chave: a identidade, a intuição e a intenção.

Palavras-chave: Identidade; Intuição; Intenção; Ser; Humanidade; Construir.

Abstract: Where does our identity begin and end? Is our perception of *Self* truly ours? And is that even meaningful? Well, yes it is. We are beings sensitive to the world, who nourish a profound sense of identity deeply rooted in that same world. Without it we would be lost. From it the why's of our lives are born. The great work of our life pivots around this great existential question and will be *informed* by that which we identify with, both consciously and otherwise. But who are we, really? Three I's, one sensitive reading on today's ethos, under the guise of three keywords: identity, intuition and intention.

Keywords: Identity; Intuition; Intention; Being; Humanity; Build.

Quando folheamos o Elogio da Sombra de Jun'ichirō Tanizaki, recebemos em abundância uma síntese de palavras, de expressões, de imagens, que imediatamente nos transportam para um lugar do mundo. Um lugar do mundo onde o tempo teceu costumes, modos de estar, formas de viver... formas contruídas, distintas na sua riqueza e unicidade. Tanizaki espelha habilmente nas suas palavras a identidade da cultura japonesa, tal como a vivia. E, nós, lendo-as, somos por elas *informados* do ethos japonês. Mas Tanizaki espelha-nos uma cultura, também porque ele próprio bebia dessa cultura, estava imerso nela, era *informado* por ela. O seu sentido de identidade estava profundamente enraizado no do seu povo e no da sua cultura. Hoje em dia, o Japão está diferente, em muitos níveis. O que diria Tanizaki?

Tal como aconteceu com o autor japonês na época em que viveu, o mundo em que habitamos, agora, hoje, *informa* o nosso sentido de identidade. Hoje, todavia o bombardeamento informativo de que somos alvo é mais massivo na quantidade incomensurável de *inputs* omnidireccionais que toma. Mais do que nunca antes, somos bombardeados com terabytes de imagens, sons e demais mensagens que sobrecarregam a nossa mente no seu campo consciente e, mais perniciosamente, que tomam lugar nos campos mentais subconscientes. Esta informação entra e permanece onde não é devida e diz-nos o que vestir, o que comprar, onde ir comer, quando ir viajar, para quem olhar, com quem refilar... esta informação diz-nos o que pensar. Esta informação, caminhando sorratamente na sombra da nossa atenção, começa lentamente a ser confundida por nós como os nossos próprios pensamentos, as nossas emotividades, as nossas vontades. O nosso sentido de identidade à escala do *eu* e do *nós* começa então a ser pintado por um pincel que não é nosso e a ser emoldurado por peças que não nos pertencem\.

A boa notícia, que os nossos antepassados também receberam e que espero que os nossos descendentes venham igualmente a receber, é a de que nós temos um apagador interno que pode diluir e relativizar as pinturas alheias e um pincel interno que pode pintar uma expressão nossa. A mente e o coração devem trabalhar em conjunto com esse propósito, que bebe muito da Razão e, talvez mais ainda, da Intuição.

A boa notícia que podemos ler à nossa mente todas as manhãs, é a de que a nossa natureza buscadora, e nesse sentido inquieta, nos permite questionar, perguntar, investigar. O ponto de interrogação pode salvar-nos de certezas que são prisões. Nós, animais humanos, temos tendência a criar hábitos, as nossas mentes não treinadas adoram a regularidade e aparente segurança de se ocuparem com coisas semelhantes e previsíveis. E elas precisam de um sentido, de uma direção e de uma raiz onde se centrarem. Nos campos da nossa mente, cristalizamos ideias que se tornam crenças, convicções que nos limitam mais do que nos libertam. A pergunta liberta-nos. A pergunta, o ponto de interrogação liberta a nossa procura, dá-lhe liberdade, deixa-a navegar no mar da experiência sensível do mundo. Aí podemos “*ir indo*”, como dizia um cantor brasileiro... nessa busca podemos ouvir, guardar e nutrir ideias que pivotam novos sistemas de crenças e convicções mais harmoniosos e verdadeiros.

Há uma diferença abissal entre crer que “*Eu sou gordo/magro/feio/atraente*” e crer, ou ter presente em espírito, que “*Só sei que nada sei*”.

Nesta linha de pensamento, o nosso sentido identidade funciona como uma bússola. Se a soubermos ler, podemos-nos alinhar com um Norte mais verdadeiro. Para a lermos, primeiro necessitamos de recorrer àquilo que nos salva – e “o que nos salva”, como refere Dom José Tolentino Mendonça, “são as perguntas”.

Ora, dentro do campo infindável de perguntas que nos podemos colocar, há uma muito especial, necessária e universal. Esta pergunta acompanha, tanto quanto sei, o coração e a mente humana há milénios, transculturalmente, geração após geração.

...

“Quem sou eu?”

...

Permitam-me a brincadeira:

Eu tenho um carro. Serei eu um carro?

Eu tenho roupa. Serei eu a roupa?

Eu tenho braços e pernas. Serei eu os meus braços e as minhas pernas?

Eu tenho pensamentos. Serei eu os meus pensamentos?

Eu não sou o meu carro e não sou a minha roupa. Tão pouco sou os meus braços e as minhas pernas, no entanto o meu sentido de identidade está a estes últimos mais ligado do que aos primeiros.

Eu também não sou os meus pensamentos. Muito embora eles façam parte da minha experiência do Eu e tenham um papel definitivo na minha percepção e acção. Eu sou o que sou e quem lê este texto terá luz se souber quem é.

“Quem sou eu, realmente?” – O leitor sabe quem é, quem é mesmo, ao nível mais profundo? E a um nível mais profundo ainda?

Arrisco especular que, na resposta a esta pergunta, espera por nós a harmonia do caos em que vivemos, a harmonia de Ser.

Sabermos quem somos ilumina o caos do “nosso” Ser. Esta é a busca mais profunda da questão da identidade, expressa naturalmente à escala do indivíduo e portanto, *naturalmente também*, à escala do conjunto coeso de indivíduos. Eu sei que não sou o meu carro, nem a minha roupa, nem qualquer articulação do meu corpo, porém, sei que estou profundamente enraizado em vários níveis corpóreos, que habito. Por exemplo, eu sinto-me Português e quase paradoxalmente identifico-me muito pouco com muito do que se passa na esfera visível da sociedade do meu país, minha quotidiana. Se tivesse nascido em França talvez me sentisse francês e pouco me identificasse também com a minha então hipotética sociedade.

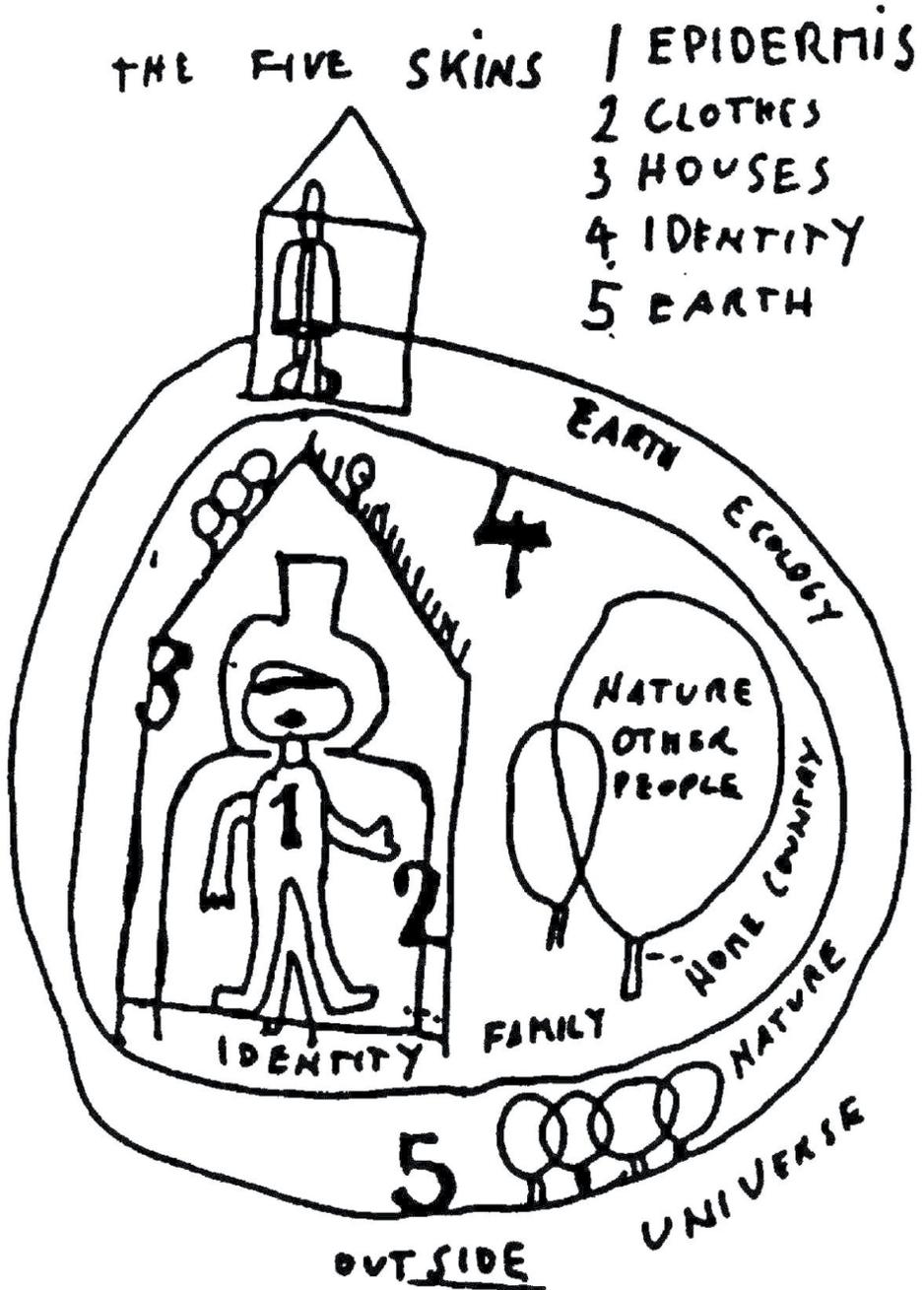


Figura 1 - DIE FÜNF HÄUTE DES MENSCHEN (As cinco peles do homem), Hundertwasser

O arquitecto e artista austríaco Friedensreich Hundertwasser era inquieto no seu tempo, agitado com o *ethos* que via manifestar-se na construção de lugares e *intencionado* a dar-lhe um rumo – ou pelo menos, uma agitação. Nesta matéria, daquilo que constitui o nosso *ethos*, o arquitecto defendia uma ideia interessante e pertinente.

Ele propôs-nos imaginar que contando com a nossa epiderme, nós temos de facto cinco peles. Para além da epiderme, que é a nossa primeira e mais imediata pele, vestimos uma segunda pele que se imiscui na nossa percepção de nós mesmos – a roupa. A terceira pele que vestimos, seria a pele construída à escala da casa.

O edifício, o abrigo, que emerge das nossas vontades, razões e intuições e de muitos outros mistérios. A quarta pele refere-se ao meio em que vivemos, de natureza social, de relacionamentos mais próximos e mais distantes que constroem um tecido à escala da urbanização e da nação. A quinta pele que nós vestimos, segundo o austríaco, é global, é do todo, é humana, é da natureza. Para ele, a coesão humanitária passa pela expressão artística do ser humano em harmonia com a natureza. A arte tem o poder de curar o mundo.

Goste-se, ou não, da sua obra, as cinco peles de Hundertwasser elucidam a expansibilidade da nossa experiência do *Eu*. Ele não nos diz quem nós somos, mas mostra-nos que aquilo que somos vai muito além da nossa epiderme, chegando a adquirir um valor imaterial.

Nós somos seres em construção, que participam na sua própria construção. E fazêmo-lo, mesmo sem saber, com uma bússola interna (nuns casos mais afinada do que noutros). Nós participamos na criação do meio que informa a nossa identidade. E participamos por intuição e com o coração. Muitas vezes, esquecemo-nos de que o estamos a fazer, aí a bússola desnor-teou-se e precisa de ser recalibrada.

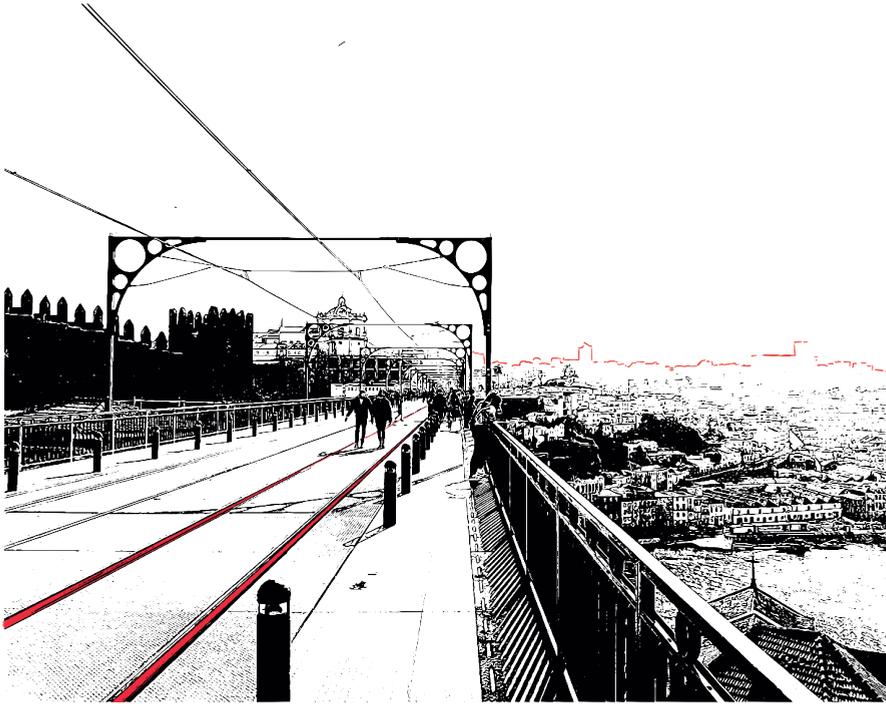


Figura 2 - Caminhos, Ponte D. Luís I - ilustração minha.

Nós vivemos ancorados num ponto de vista espaço-temporal, caminhando nas fímbrias do mundo conhecido em direcção a algo. Caminhando na direcção das *nossas* buscas, das *nossas* procuras. Mas como distinguir a nossa verdadeira busca, de outras questões menores e não nossas? Talvez devamos permanecer na pergunta, acreditando porém, caminhar já na resposta.

Nós somos seres em construção e devíamos ter um sinal de aviso para todos verem: "*Cuidado, Em Construção!*". Se soubéssemos que estávamos todos em construção, talvez tivéssemos um cuidado mais tolerante uns com os outros, mais tolerância para nos apoiarmos – e também um cuidado mais rigoroso para que a construção não caia.

Não disse o enorme Fernando Pessoa: "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce"?

Nós somos seres de construção de mundos. Mundos de fora, mundos internos. Memórias, ideias, emoções, hábitos, conexões, descobertas, procuras. Razões. Intuições. Mundos visíveis à luz. Mundos invisíveis, pelos quais nadamos sem saber. Temos memórias que se agregam em torno de lugares mentais, estes construídos em torno de lugares visitados, construções iterativas do Ser sensível e *Intuições* que sabemos com o coração e vamos percebendo com a mente.

Termino esta minha leitura dos três l's, com abertura, com mais uma expressão poética de Fernando Pessoa. Porque ele recebeu uma identidade maior do que ele próprio e porque pela sua arte, pela sua expressão trabalhada, pelo seu *Intento*, a soube nutrir e elevar. Com Arte!

...

*O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esp'rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da Verdade.*

(Fernando Pessoa, Horizonte)